

Patrimônio cultural e catástrofe: os concursos internacionais não-oficiais realizados para a Notre Dame de Paris após o incêndio de 2019

Cultural heritage and catastrophe: the unofficial international competitions held for the Paris' Notre Dame Cathedral after the 2019 fire

Bianca Manzon Lupo 

Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Brasil

biancalupo21@gmail.com

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** nada a declarar.

Data de Submissão: 29/12/2020

Data de Aprovação: 05/05/2021

Resumo

O estudo pretende analisar as relações entre arquitetura contemporânea e patrimônio histórico em contextos de catástrofe, tendo como objeto principal o caso da Notre Dame de Paris depois do incêndio em 2019. No dia seguinte à tragédia, o primeiro-Ministro Edouard Philippe anunciou o possível lançamento do concurso internacional de arquitetura para reconstruir a catedral mediante uma “reconstrução inventiva”. Então, arquitetos de todo o mundo publicaram nas redes sociais propostas para reconstrução da catedral. Foram realizados dois concursos não-oficiais promovidos pelos *websites Freelancer.com* e *Go Architect*. O Senado reagiu afirmando que a restauração deveria recuperar o último estado visualmente conhecido da catedral. O artigo analisará o conjunto de propostas realizadas para Notre Dame, sugerindo categorias analíticas para entendimento dos principais temas projetuais levantados: A Catedral do Futuro; As arquiteturas de outro lugar; A Notre Dame Sustentável; Paris, cidade-luz; O simbolismo da água; A eternização da catástrofe; As novas tecnologias.

Palavras-chave: Tragédia, reconstrução inventiva, restauração conservativa, arquitetura contemporânea

Abstract

The study analyzes the relations between contemporary architecture and historical heritage in contexts of catastrophe by analyzing the Notre Dame de Paris after the fire in 2019. The day after the tragedy, the first Minister Edouard Philippe announced a possible international architectural competition to rebuild the cathedral for an “inventive reconstruction”. Then, architects published proposals for the Notre Dame’s reconstruction on social media. Unofficial contests were carried out by the websites *Freelancer.com* and *Go Architect*. The French Senate answered that the restoration should restore the cathedral's last visually known state. The article will analyze the set of proposals made for Notre Dame, suggesting analytical categories for understanding the main design themes raised: The Future Cathedral; Architectures elsewhere; Sustainable Notre Dame; Paris, city of light; The symbolism of water; Eternalizing the catastrophe; New technologies.

Keywords: Tragedy, inventive reconstruction, conservative restoration, contemporary architecture

1.Introdução

As relações estabelecidas entre patrimônio edificado e catástrofe na contemporaneidade podem ser interpretadas a partir da mobilização de “emoções patrimoniais” intensas e inesperadas, considerando dinâmicas que envolvem a conversão súbita de monumentos em eventos. A ocorrência de destruições brutais em edifícios de interesse patrimonial – que podem ser motivadas por incêndios, terremotos, guerras, entre outros eventos traumáticos – desencadeiam o desafio de restabelecer vínculos identitários com os monumentos históricos. Os eventos catastróficos fazem emergir certo “*sentimento coletivo de fim do mundo*” (Fabre, 2019, p. 10), enquanto propiciam a reflexão sobre os significados contemporâneos atribuídos ao monumento histórico. O despertar da consciência coletiva sobre a destruição brutal e repentina de um “bem comum” frequentemente desencadeia a conformação de círculos de solidariedade, para além da criação de um certo consenso voltado à não responsabilização de agentes pela catástrofe. A redescoberta do bem patrimonial, porém, expõe dualismos sociais e políticos presentes na realidade social da atualidade.

As disputas que permeiam a tomada de decisão acerca de um monumento acometido por evento catastrófico evidenciam o debate sobre a legitimidade dos agentes para a definição dos rumos de determinado monumento histórico. Ao passo que as “emoções patrimoniais” reativam a reflexão sobre a sensibilidade coletiva, recuperam um sentimento compartilhado de passado que retomam a discussão proposta pelo historiador da arte vienense Alois Riegl (1858-1905), considerando que a democratização do sentimento em relação aos bens patrimoniais ultrapassam as divisões entre especialistas e não especialistas. Pode-se considerar três

possibilidades de reação a eventos traumáticos: o desejo de restituição do monumento à sua função cotidiana, apagando vestígios da memória catastrófica; a proposição de ações de atualização e refuncionalização do monumento ou a combinação de ambas as soluções. Os argumentos associados à vertente conservativa justificam a recuperação da memória imediatamente anterior à tragédia em nome das recordações comuns e do por vezes contraditório argumento da autenticidade. Na contramão desse pensamento, a tônica das intervenções baseadas no princípio do contraste parte de premissas teóricas essencialmente desenvolvidas ao longo da primeira metade do século XX, durante a primeira fase da Bauhaus – contando com as contribuições de Wassily Kandinsky, Joseph Albers, László Moholy-Nagy, Paul Klee, entre outros.

A construção histórica do conceito de monumento recupera as discussões sobre o valor histórico, estético e artístico para a construção das identidades nacionais, o que diz respeito evidentemente à seleção oficial de monumentos, mitos, objetos e ritos que dizem respeito às origens da coletividade. A capacidade representativa da arquitetura e as questões políticas que emergem das disputas de poder balizadas na conformação de imagens arquitetônicas midiáticas implicam, eventualmente, em ações de atualização contemporânea de monumentos históricos, muitas vezes vinculadas à promoção das cidades no contexto do turismo cultural globalizado. Particularmente no contexto parisiense, vale retomar as iniciativas de planejamento territorial empreendidas ao longo dos anos 1980, baseadas na ideia de que “*não pode haver uma grande política para a França sem uma grande arquitetura*” (Mitterrand, cf. Arantes, 2015).

Essas ações foram importantes precursoras do *marketing* urbano empreendidas em Paris a partir de projetos como o Centro Georges Pompidou (Richard Rogers e Renzo Piano, 1986), da Pirâmide do Grand Louvre (I. M. Pei, 1981), do Museu d'Orsay (Gae Aulenti, 1986), do Arco de la Défense (Johan Otto von Spreckelsen, 1989), do Instituto do Mundo Árabe (Jean Nouvel, 1987) e do Parque de la Villette (Bernard Tschumi, 1989). Internacionalmente, na década seguinte, as conexões entre patrimônio edificado e arquitetura contemporânea tornam-se cada vez

mais evidentes, atualizando a linguagem de edifícios antigos para criar símbolos “*da comunicação social de uma nova ordem*” (Arantes, 2015, p. 175). Podemos citar alguns projetos emblemáticos como a intervenção no Reichstag (Norman Foster, Berlim, 1992-99), no British Museum (Norman Foster, Londres, 1994), no Mercado Santa Caterina (Enric Miralles & Benedetta Tagliabue, Barcelona, 1997-2005), no Royal Ontario Museum (Daniel Libeskind, Ontario, 2001) e no Palacete D. João VI (Jacobsen + Bernardes Arquitetura, Rio de Janeiro, 2013).

2.O contraste, a autenticidade e a Notre Dame de Paris. Discussões teóricas

A conexão contemporânea de projetos arquitetônicos a edifícios antigos tem sido marcada pelo princípio do contraste, estabelecido de modo raramente harmonioso. “É verdade que a autenticidade histórica encontra nisso todo o benefício, pois a confusão do antigo e do novo é improvável. Mas o que se passa com a obra de arte em sua globalidade: o monumento no qual a obra se insere.” (Lemaire, 1994, p. 10). Apesar de atenderem ao princípio da distinguibilidade da intervenção, formalizado na Carta de Atenas (1931); muitos projetos dessa natureza não se adequam à reversibilidade da intervenção, criando situações ambíguas em termos de apreensão estético-formal do patrimônio edificado. Ações de valorização ou realce de edifícios de interesse patrimonial podem ser consideradas o mote do “arquipélago pop da cultura de massa” (Arantes, 2015, p. 161); estando em sintonia com o espírito do tempo que busca a criação de lugares voltados para a reinvenção contemporânea de elementos culturais.

Na segunda década do século XXI, Paris retornou ao cenário internacional por ocasião da intenção sinalizada, em 2015, de sediar os

Jogos Olímpicos de 2024. Porém, o tema da catástrofe antecipou o deslocamento dos holofotes da mídia internacional para a cidade. Em 15 de abril de 2019, a Catedral de Notre Dame sofreu um incêndio de grandes proporções enquanto passava por obras de restauração. A Notre Dame tinha sido construída entre os séculos XII e XIV, no local da primeira igreja cristã da cidade, a Basílica de Santa Etienne (c. 528), na Île de la Cité, no coração histórico-geográfico de Paris. Em 1163, a partir de projeto realizado pelo bispo Maurice de Sully, o Papa Alexandre III lançou a pedra fundamental da catedral, cuja construção se desenrolou até 1345. Quase destruída durante a Revolução Francesa, foi restaurada em 1860 pelo arquiteto Eugène Emmanuel Viollet-Le-Duc (1814-1879), que acrescentou uma flecha de cerca de 96 m de altura no entrecruzamento das naves¹. O elemento, porém, desabou completamente por ocasião do incêndio de 2019, que também danificou a cobertura da catedral em quase toda sua integralidade.

Seu destacado interesse histórico associa-se à variabilidade que a Notre Dame apresenta em relação às demais catedrais góticas erigidas em

sua época - como a alteração geral destacada nas proporções, a divisão da parede em quatro seções com galeria, a substituição do trifório por uma fileira de janelas circulares sob o clerestório, a presença de dupla fileira de naves laterais, a leve projeção do transepto em relação às naves, a inexistência original de capelas radiais, o deambulatório duplo em torno da abside e a uniformidade das colunas das arcadas (Pevsner, 2015, pp. 93-95). Por esses apontamentos, é possível vislumbrar o valor de exemplaridade atribuído à catedral, considerada como um importante modelo prévio “da boa arte do passado” (Solà-Morales, 2013, p. 255).

Ademais, o valor atribuído à Catedral para a construção da identidade nacional francesa, de maneira que o importante lugar de memória “guarda a história de um povo por mais de oito séculos” (Azevedo como citado em Araújo, 2019). Ressalta-se seu papel enquanto símbolo da fé cristã e repositório documental da própria história do cristianismo. A catedral foi eternizada no romance “Notre Dame de Paris”, publicado por Victor Hugo em 1831, que descreve com riqueza de detalhes sua arquitetura, denunciando a condição de degradação em que se encontrava (Reis, 2016). Conforme citação do escritor francês, “cada rosto, cada pedra desse monumento venerável é uma página não só da história do país, mas da história da ciência e da arte... uma sinfonia em pedra” (Hugo, como citado em CAU-BR, 2019). Em 1991, a Notre Dame foi classificada como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO e seu papel enquanto símbolo turístico da sociedade de massas globalizada tem se exacerbado nos anos recentes. Antes do incêndio de 2019, recebia cerca de 13 milhões de visitantes ao ano.

Como a estrutura e as paredes de pedra resistiram ao incêndio, especialistas apontaram para a necessidade de realização de estudo pormenorizado que permitisse análise técnica dos danos causados pelo fogo à estrutura.

Apesar dos prejuízos estruturais, desde o início das discussões considerou-se que as alvenarias da catedral seriam tratadas conforme as premissas do restauro filológico. A restauração partiu da existência de um modelo tridimensional produzido com o uso do laser scanning, sob coordenação do historiador da arte Andrew Tallon. O referido modelo tinha sido criado por ocasião do videogame *Assassin's Creed Unity* pela empresa Ubisoft (Augusto, 2019).

A tragédia foi encarada como uma possibilidade de redenção do próprio monumento. Conforme declarou o presidente da União Internacional de Arquitetos, Thomas Vonier (CAU-BR, 2019), “a catástrofe pode dar uma nova vida e um novo significado a um lugar que veio do tempo e durará através do tempo”. No dia seguinte ao incêndio, o primeiro-Ministro Edouard Philippe anunciou que seria lançado um concurso internacional de arquitetura para promover a reconstrução da parte estrutural desabada pelo incêndio. Abria-se a possibilidade para a atualização da flecha e cobertura da catedral, partindo da “reconstrução inventiva” para criar uma obra “adaptada às técnicas e desafios de nossos tempos” (The Local, 2019). Segundo o presidente francês Emmanuel Macron, a intervenção deveria ser um “gesto arquitetônico contemporâneo” (Folha, 2019). Em suas palavras: “nós vamos reconstruir a Catedral de Notre Dame. Nós vamos torná-la mais bonita que antes” (Macron, como citado em France24, 2019).

Entretanto, no mês seguinte, o Senado Francês decidiu que o projeto deveria ser fiel ao “último estado visual conhecido” (Walsh, 2020). O uso de qualquer material diferente dos originais precisaria ser justificado. O posicionamento conservativo também era defendido pela prefeita de Paris, Anne Hidalgo. A polêmica instaurada, porém, opunha as perspectivas de “reconstrução inventiva” e “restauração conservativa”; retomando um debate já sinalizado por Alois Riegl no início do século XX

sobre a contraposição entre o valor de novidade (Neuheit Swert) e o valor de antiguidade (Alteswert) (Riegl, 2014). Em resposta à perspectiva de realização de um concurso internacional para a reconstrução da catedral, vários escritórios publicaram em redes sociais sugestões para a “Nova Notre Dame”.

As propostas foram reunidas numa série de publicações de websites especializados em arquitetura. O website Freelancer.com, dedicado ao compartilhamento gratuito de projetos de arquitetos autônomos e à mediação do fechamento de negócios com possíveis clientes, lançou a competição “The Notre Dame Design Competition”. O concurso, que recebeu

49 propostas – de escritórios da Lituânia, Estados Unidos, Reino Unido, Paquistão e Vietnã – foi vencido pelo arquiteto colombiano Leonardo Nepa. Ainda, a competição “The People’s Notre-Dame Cathedral Design Competition” foi promovida pelo website Go Architect e recebeu propostas de 226 escritórios de 56 países – incluindo arquitetos da Rússia, Singapura, Reino Unido, Japão, Alemanha, Índia e Estados Unidos. Os projetos foram reunidos na publicação “Visions of Notre Dame: beautiful and wacky ideas for the future of the Notre Dame Cathedral”, disponível para venda. A vencedora proposta de Cai & Lin (China) foi escolhida via votação popular, da qual participaram mais de 30 mil pessoas.

3. Objetivo, metodologia e métodos

O objetivo principal deste artigo é analisar a articulação contemporânea entre os temas do patrimônio cultural e da catástrofe, aplicando a metodologia do estudo de caso (Yin, 2001), investigando os principais projetos realizados não-oficialmente por ocasião do incêndio que acometeu a Notre Dame de Paris em 2019. As principais fontes consultadas foram: projetos arquitetônicos, artigos divulgados em mídia especializada e reportagens de jornais² (Lapiente, 2016). Com o grande volume de ideias propostas (290), o presente estudo selecionou 37 projetos para análise, que incluíram todos os planos veiculados nas

mídias sociais, filtrados pelas fontes especializadas em arquitetura (15 projetos); os vencedores, finalistas e menções honrosas nos concursos *Freelancer.com* (6 projetos) e *Go Architect* (16 projetos). As informações levantadas sobre cada projeto variaram conforme as exigências dos editais. Foram coletadas imagens 3D com baixo nível de detalhamento e breves memoriais descritivos. Quando houve necessidade de esclarecimentos, procedemos à análise complementar dos *websites* ou mídias sociais dos arquitetos (*Instagram*, *Facebook* e *Twitter*).

4. Resultados. A arquitetura da Notre Dame para o século XXI

Dada a heterogeneidade das propostas encontradas para a intervenção contemporânea, o estudo sugeriu um esboço de categorização dos projetos mapeados a partir da análise empírica do conjunto de dados

coletados. Os temas podem ser sintetizados em sete categorias vinculadas às principais correntes de pensamento sobre história e teoria da arquitetura contemporânea: “A Catedral do Futuro”; “As arquiteturas de outro

lugar”; “A Notre Dame Sustentável”; “Paris, cidade-luz”; “O simbolismo da água”; “A eternização da catástrofe”; “As tecnologias da

comunicação” (Tabela 1). Essas categorias serão aprofundadas no decorrer do texto.

Tabela 1

Propostas para a Notre Dame de Paris após o incêndio de 2019. Elaborada pelas autoras.

Concursos de Arquitetura	Qtd. de projetos	A Catedral do futuro	Arquiteturas de outro lugar	A catedral Sustentável	O simbolismo da água	Paris, cidade-luz	A eternização da catástrofe	TICs
Propostas publicadas em redes sociais	15	Fuksas, AJ6, Godart & Russel, Nerovnya, Foster, Alantar, Deero (7)	Sovtho (1)	Callebaut, NBA (2)	Mejergren, Kiss the Architects (2)	Vizum, Shortcut (2)	Lehanneur (1)	-
Freelancer	6	Mazers (1)	Choyce, Khan (2)	Nepa, Sirkus (2)	Nguyen (1)	-	-	-
Go Architect	16	Cai & Lin, NAK, Kombe, Ekaterina, Liu, Chun, Cole (7)	Gulshan, Galeri (2)	Horiuchi (1)	Li & Lin, Chuong & Nguyen (2)	Ziyu (1)	Wadekar (1)	Smit h, Carvalheiro (2)
	37 (100%)	40%	14%	14%	14%	8%	5 %	5%

4.1. A catedral do futuro

A atualização arquitetônica da Notre Dame, adotando linguagem *high tech* adaptada à circulação midiática na sociedade do espetáculo, pode ser interpretada como uma espécie de “novo futurismo”, sobrepondo significados simbólicos e místicos ao refletir sobre possibilidades arquitetônicas que sejam capazes de representar o que seria a “catedral do futuro”. Tal perspectiva cria um palimpsesto interpretativo que une o passado gótico e se sobrepõe à memória da catástrofe na solução formal adotada, reafirmando a capacidade tecnológica do tempo presente como caminho inexorável para o pensamento da arquitetura contemporânea. É interessante retomar as reflexões propostas pelo Movimento Futurista no início do século XX, refletindo o processo de

“*agudização das divergências*” (Argan, 1992, p. 228) que implica em evidente distinção estética entre as linguagens arquitetônicas do presente e do passado.

O principal raciocínio adotado por 40% das propostas analisadas diz respeito à introdução da transparência arquitetônica na cobertura e flecha da Notre Dame, acentuando o contraponto entre a solidez da arquitetura histórica e a desmaterialização dos temas contemporâneos. Como estratégia recorrente, estilizou-se o vocabulário arquitetônico gótico empregando sobretudo a combinação entre vidro e aço. A tônica das intervenções baseou-se na noção do “*contraste global com a geometria abstrata, límpida e bem definida das novas obras de arquitetura*” (Solà-Morales, 2013, p. 258) (Figuras 1 e 2). Todavia, a

organização das intervenções se fundamenta na arquitetura existente, incorporando características dominantes da catedral gótica.

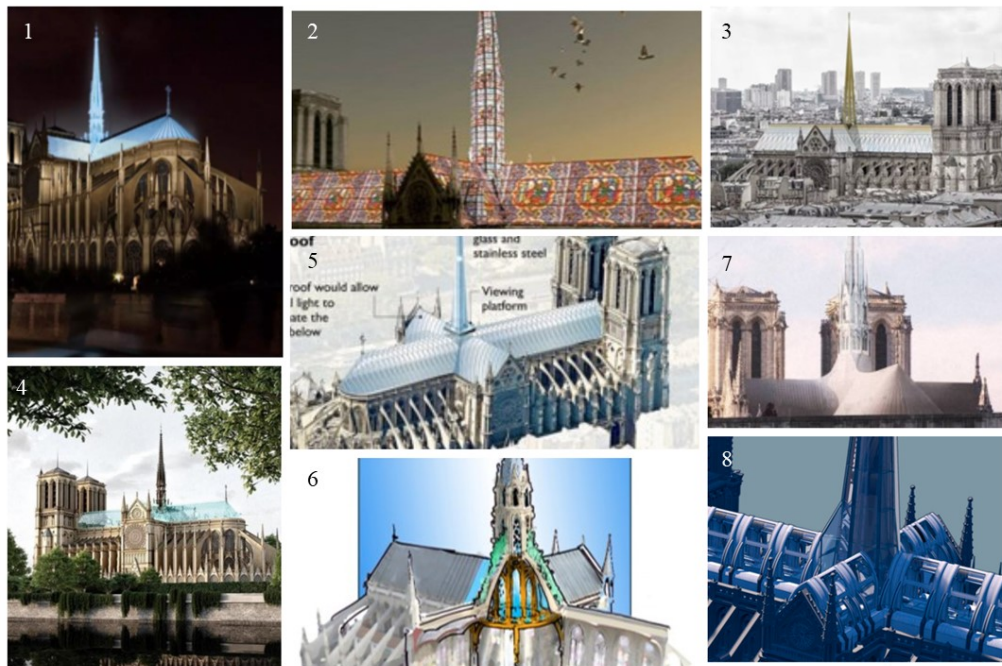


Figura 1. A catedral do Futuro. Fonte: Elaborada pelas autoras.

Legenda: Fuksas (1), AJ6 (2), Godart & Roussel (3), Nerovnya (4), Foster (5), Alantar (6), Deroo (7), NAK (8).

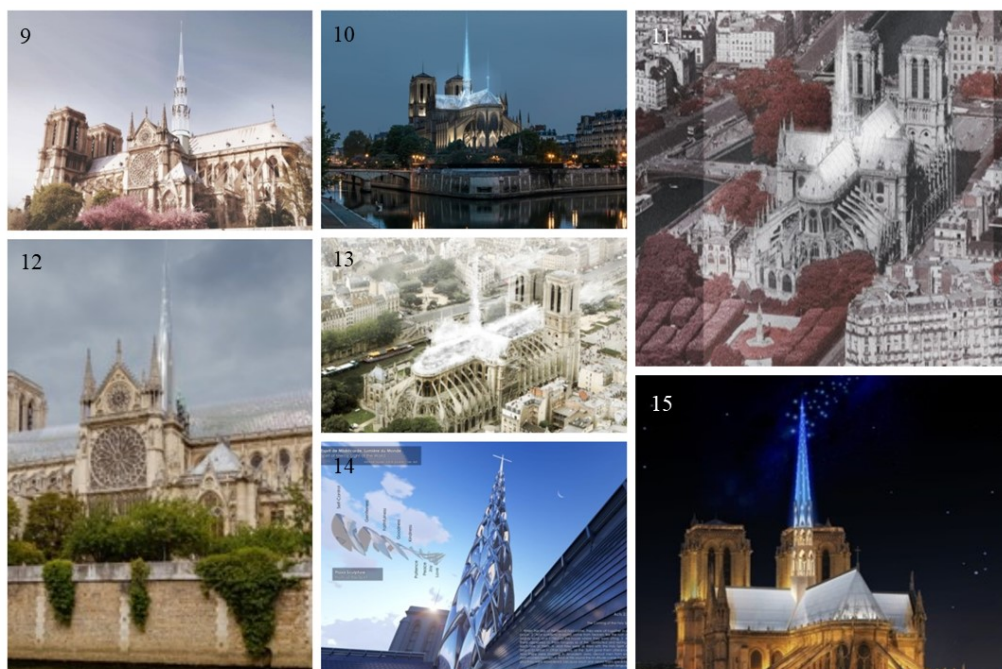


Figura 2. A catedral do Futuro. Fonte: Elaborada pelas autoras.

Legenda: Kobe (9), Ekaterina (10), Mazers (11), Ziyu (12), Chung (13), Cole (14), Liu (15).

Interpretando elementos da arquitetura gótica como fonte de inspiração, a proposta do Studio AJ6 alude ao conceito de transparência fenomenal – Colin Rowe e Robert Slutzky

(1985) – que discorre sobre a ambiguidade encontrada em elementos translúcidos refletindo contraditoriamente os interiores. O escritório inspirou-se no vitral, “a maior e mais

importante característica do gótico” (RFI, 2019), aplicando temas religiosos relacionados aos doze apóstolos na nave central; as passagens da vida de Maria e dos quatro Evangelistas no transepto; de Cristo, Cosmos e do Plano Celeste na flecha. Na arquitetura gótica, os vitrais permitiam a conexão entre a luz celestial e o espaço interior das igrejas, convertendo-o num espaço divino. O memorial descritivo oscila entre certo otimismo e idealismo à la Viollet Le Duc, apresentando a possibilidade de se *“fazer hoje o que não pôde ser feito no passado por falta de tecnologia”* (RFI, 2019). Os visitantes acessariam uma passarela situada dentro da cobertura, aproximando-se da “coroa divina”. Os escombros do incêndio seriam reutilizados para a criação de um memorial externo em forma de cruz nos jardins da Notre Dame.

A proposta de Alexandre Nerovnya (Rússia) contraditoriamente reconstruiria a flecha de modo conservativo e instalaria uma cobertura transparente em forma de diamante. O uso de vidro colorido, em tom esverdeado, realizaria a transposição entre passado e futuro. O arquiteto afirma que as grandes obras-primas quebram regras da tradição histórica conservadora. Para Nerovnya, *“as coisas mudam. Notre Dame nunca mais será a mesma, não importa o quão bem seja reparada. Então, por que não usamos todo o nosso conhecimento e conquistas arquitetônicas para torná-lo melhor?”* (Abramovitch, 2019). Observa-se abordagem evolucionista da técnica, considerando as intervenções contemporâneas “superiores” em relação aos tempos passados.

A metáfora do cristal também foi mobilizada pelo Studio Fuksas (Itália), que recriou a cobertura e flecha da catedral *“em forma de cristal Baccarat, que pode ser iluminado à noite e preenchido com luz. O novo elemento será um farol de esperança para o futuro na noite de Paris”* (El País, 2019). O cristal, cuja ambivalência remete ao conceito de

transparência fenomenal, também fundamentou o projeto de Maksimova Ekaterina (Rússia), simbolizando *“a fragilidade dos objetos arquitetônicos”* (Design Class, 2020). Sua arquitetura efêmera, realizada com polímeros transparentes e leves, criaria uma *“escultura leve que repetirá as formas originais do telhado e da torre, parecendo um objeto de cristal transparente, como uma ilusão”* (Design Class, 2020). A arquitetura contemporânea abrigaria as obras de restauração, que durariam cerca de vinte anos. Essa intervenção privilegia o caráter conservativo da intervenção, bem como o projeto de Cent Alantar, que reconstruiria a flecha de Viollet Le Duc, cercando-a por uma estrutura de vidro *“para celebrar a flecha de dentro da catedral”* (Walsh 2020). Outra proposta efêmera foi desenvolvida por Tim Kobe, conhecido *designer* da marca Apple, que recriaria a volumetria original inteiramente em vidro estrutural.

Para Ziyu Zhuang (Alemanha e China), o uso do vidro remetia à estética do desaparecimento. Segundo os arquitetos, a proposição de uma sequência de fragmentos transparentes, *“quando vistos em ângulo, mostram uma reconstrução brilhante da cobertura. Quando vistos de lado, começam a desaparecer”* (Design Class, 2020). Abordagem semelhante foi proposta por Yung Sai Chun (China), com a criação de um telhado feito de névoa. A cobertura seria composta por *“um sistema de bicos de alta pressão, uma série de molduras triangulares de madeira queimada e uma ponte suspensa de aço no topo de um piso de vidro”* (Design Class, 2020). O sistema serviria como dispositivo de prevenção para incêndios e suscitaria relação de interatividade com a cidade, de modo que um sistema de votação mediada por aplicativos *online* regularia a pressão da ejeção de névoa de acordo com as respostas dos cidadãos. A estrutura de madeira original seria substituída por cedro de madeira carbonizada, criando um memorial do incêndio, que contaria com a gravação do nome das

peessoas que contribuíram para a reconstrução da catedral. O projeto criou uma passarela suspensa que permitiria a aproximação dos visitantes à cobertura, em meio à névoa.

Por sua vez, David Deroo (França) busca concomitantemente “*reconhecer o passado e trazer a inovação do nosso tempo*” (El País, 2019). Já Mark Mazers (Reino Unido) valorizava a primazia e o uso de materiais e técnicas modernas para a realização de intervenções em edifícios históricos. O título do projeto, “*Notre Dame 2.0*”, desenvolve a ideia moderna de tábula rasa que se apropria da materialidade do edifício histórico como suporte para o desenvolvimento de raciocínio projetual contemporâneo. Associa-se às referências mecanicistas da produção industrial presentes, por exemplo, no projeto da Maison Citrohan (Le Corbusier, 1920) (Montaner, 2012). Norman Foster (Reino Unido) propõe a estilização volumétrica da cobertura com o uso combinado de aço e vidro, permitindo a ascensão dos visitantes num mirante. Premissa equivalente foi desenvolvida por Frank Liu (China), que utilizou vidros com diferentes índices de transmitância, que permitiriam a graduação da transparência da camada superior à inferior da cobertura, completamente transparente, de maneira análoga à parte superior da flecha, suportada por estrutura de aço leve, e que sustentaria sistema de iluminação LED no topo, criando impactante efeito noturno.

O projeto *Paris Heartbeat*, de Zeyu Cai & Sabei Lin (China), propôs a reconstrução da flecha com múltiplos espelhos que refletissem a paisagem exterior, criando um caleidoscópio interno de vidro cuja forma geometrizada remete às rosáceas da Notre Dame. Concebida como uma escultura cinética, a flecha espiralada incorporava a interatividade, sendo que em seu topo estaria situada uma cápsula do tempo que opera por tecnologia de levitação magnética, projetando um dispositivo que se

abre a cada 50 anos e se move ritmicamente para cima e para baixo, “*respirando e batendo junto com a cidade*” (Design Class, 2020). Jennifer Cole (EUA) criou uma flecha *high tech* de aço inoxidável que interagiria com a população por meio das tecnologias da comunicação, aspirando “*ser majestosa, mas humilde, como Cristo*” (Hed, 2019). Pretendia incorporar a perspectiva da sustentabilidade, integrando sistema de turbinas eólicas e células fotovoltaicas disfarçadas na cumeeira e nos painéis do telhado. A justificativa da arquiteta evoca o princípio da distinguibilidade da intervenção enunciado pela Carta de Veneza (1964); porém, de maneira arbitrária e descontextualizada no que diz respeito aos debates sobre a perspectiva do restauro crítico no segundo pós-guerra.

4.2. As arquiteturas de outro lugar

No que diz respeito à teoria da arquitetura contemporânea, destaca-se a vertente vinculada à arquitetura do lugar, cuja ênfase destina-se a garantir a especificidade da experiência espacial para resistir às pressões homogeneizadoras do capitalismo moderno, recuperando o caráter humanista da arquitetura. A categoria analítica proposta, mobilizada por 14% dos projetos estudados, seria uma ironia desse conceito. “*As arquiteturas de outro lugar*” dizem respeito a processos próximos à colagem/fotomontagem que criam releituras de repertórios formais tradicionais vinculados às arquiteturas do lugar de origem dos proponentes do projeto – mas que não dizem respeito, diretamente, ao contexto que recebe a intervenção (Figura 3). O tema pode ser interpretado a partir de imagens do universo onírico e do subconsciente. Esse processo parece estar intimamente ligado à produção arquitetônica na era da globalização, refletindo a diversidade de repertórios formais em escala mundial.

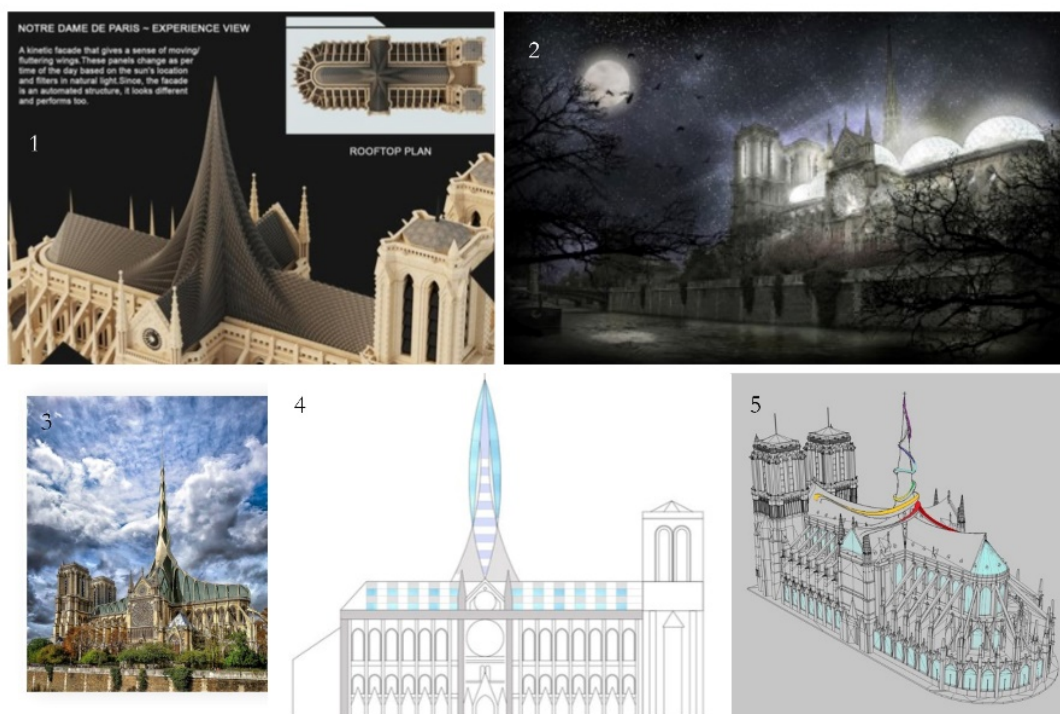


Figura 3. As arquiteturas de outro lugar. Fonte: Elaborada pelas autoras.

Legenda: Gulshan (1), Galeri (2), Sovtho (3), Khan (4), Choice (5).

Shahnaz Gulshan (Índia) concebeu uma pele de vidro para o edifício, inspirando-se “na representação alada da Virgem Maria, [...] citada com frequência nas crônicas católicas, significando o ressurgimento de Nossa Senhora das cinzas” (Design Class, 2020) e retomando formalmente movimentos espiralados característicos da arquitetura oriental. Já o projeto de Tara Sovtho (Rússia) recuperou o ritmo gerado pelos contrafortes e pilares da estrutura antiga, criando uma série de nervuras que se entrelaçam na agulha, “fortemente inspirada nas formas da tradição arquitetônica russa” (El País, 2019).

Valentino Galeri (Itália) criou estruturas geodésicas de vidro sobre a nave da catedral, abrigando exposições de arte e valorizando a vista panorâmica da cidade. A disposição das cúpulas retoma temas presentes na arquitetura bizantina oriental, como presente, por exemplo, na Basílica di San Marco (Veneza, séc. XI). Por sua vez, Yalmaz Khan (Paquistão) recuperou o repertório islamicizante, criando um jardim suspenso na cobertura da catedral permeado por espelhos d’água, conectando visualmente

a paisagem. A proposta de Andrew Choice (EUA) criou uma “flecha que, conforme sobe em espiral, tem as bordas em vitral com as cores do arco-íris” (Freelancer, 2020), retomando o tema da transparência fenomenal ao especificar o uso de vidros fumê de cor azul para criar conexão ambígua com o espaço exterior.

4.3. A Notre Dame sustentável

A aproximação da arquitetura à economia globalizada potencializou a reflexão sobre a sustentabilidade, que vem concentrando progressivamente os debates éticos que permeiam a arquitetura contemporânea. A utopia ecológica e a adaptação da arquitetura ao meio ambiente protagonizam as reflexões sobre o aparentemente contraditório conceito de “desenvolvimento sustentável”. Desde os anos 1970, a execução de protótipos experimentais voltados para o tema da arquitetura ecológica, sustentável, *eco tech*, bioclimática e holística se desenvolve em direções variadas (Montaner, 2016).

A Agenda 21, documento assinado por 179

países durante a “Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento” (Rio de Janeiro, 1992), reitera a conscientização sobre o esgotamento de recursos naturais a nível global, reforçando a necessidade de atenção às pré-existências e à memória. A conjunção entre os temas da sustentabilidade e do patrimônio foi mobilizada

por 14% dos projetos analisados, incluindo “preocupações contemporâneas sobre mudança climática, produção de alimentos e sustentabilidade com uma série de propostas incluindo apiários, jardins no telhado e locais para produção de energia” (Logan, 2019) (Figura 4).



Figura 4. A Notre Dame Sustentável. Fonte: Elaborada pelas autoras.

Legenda: Callebaut (1), NBA (2), Nepa (3), Siskus (4), Horiuch (5).

Vincent Callebaut (Bélgica) desenvolveu o conceito de *Palimgenesis*, “derivado da palavra grega ‘renascimento’ e ‘regeneração’” (Walsh, 2019). O raciocínio biomimético cria uma cobertura conectada à flecha construída com vigas de madeira laminada, estrutura de carvalho e vidro. Segundo Callebaut, “a nova arquitetura da flecha, como uma mortalha que surge do transepto, evoca o Renascimento, mas também o mistério da catedral e a ressurreição de Cristo” (Walsh, 2019). O projeto adotou sistema de ventilação passiva e produção de energia. O vidro tridimensional, facetado em forma de diamante, seria coberto por camada de carbono, hidrogênio, nitrogênio e oxigênio. O armazenamento da energia em células de combustível a hidrogênio seria

redistribuído pela catedral. Já NBA Studios (França) mobilizou os “Jardins Suspensos da Babilônia” (605 - 652 a.C.), destinando-os à agricultura urbana. As jardineiras seriam construídas com o reaproveitamento da madeira queimada no incêndio e a flecha abrigaria a colmeia de abelhas que havia se instalado na cobertura da Notre Dame em 2013.

A solução energética do arquiteto Leonardo Nepa (Colômbia) previu a instalação de painéis solares e sistemas de reaproveitamento da água da chuva. Karolis Siskus (Lituânia) criou um espaço verde aberto ao público na cobertura da catedral. Já o projeto de Kotaro Horiuchi (Japão, *Go Architect*) buscava manter o vazio causado pelo incêndio, já que não é

possível opor-se à passagem do tempo segundo as tradições orientais. Para o arquiteto, “o melhor é manter o vazio do que reconstruir.” (Design Class, 2020). A implantação de uma “floresta flutuante” remete ao pensamento de John Ruskin (1819-1900) ao evocar certa estética pitoresca vinculada à tomada das ruínas pela natureza e admitir a impossibilidade da restauração, sugerindo o respeito absoluto pelas transformações sofridas pela obra no decorrer do tempo.

4.4. O simbolismo da água e o universo psicológico

A retomada da poética e dos significados simbólicos e religiosos da água, eventualmente acrescidos de interpretações psicológicas, foi mobilizada em 14% das intervenções para a Notre Dame. Como sabemos, “em todas as religiões e tradições religiosas primitivas, a água tem um significado de vida e de morte: sem água não existe vida sobre a terra” (Goedert, 2004). Instalar uma piscina na cobertura da catedral foi a proposta de Ulf Mejergren Architects (Suécia), que retoma a tradição oriental presente em antigos ritos associados à realização de banhos de purificação, que costumavam preceder as solenidades realizadas nos templos (Figura 5).

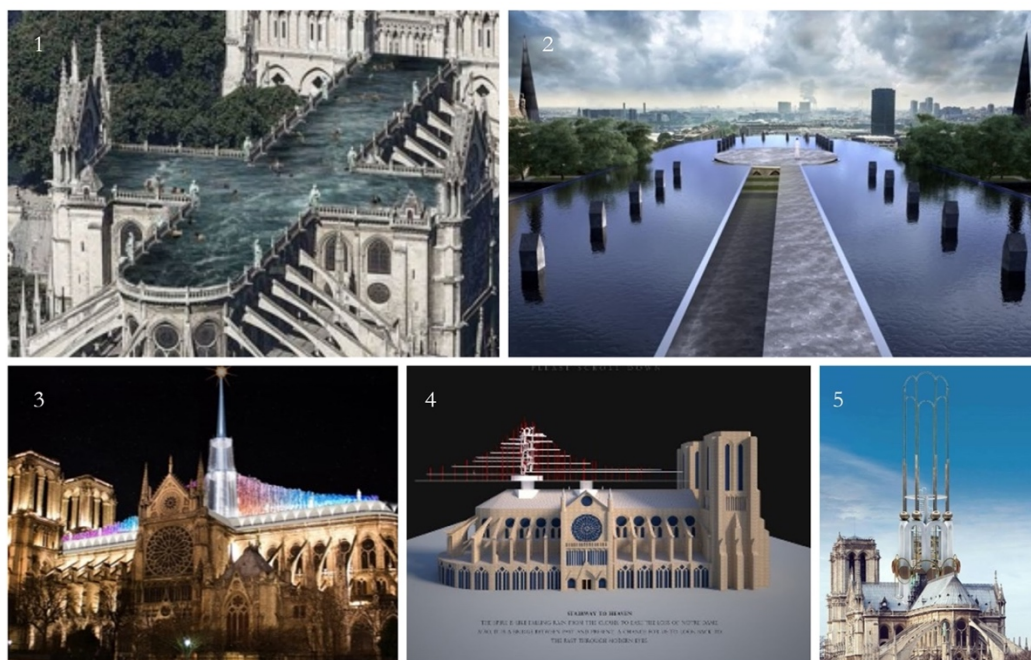


Figura 5. O simbolismo da água e o universo psicológico. Fonte: Elaborada pelas autoras.

Legenda: Mejergren (1), Li & Lin (2), Phy & Nguyen (3), Niguyen (4), Kiss the Architects (5).

Jimmy Li & Susan Lin (EUA) conferiram protagonismo ao percurso do indivíduo na cobertura da catedral, alçando-o a uma posição de “semi-Deus”. A arquitetura retoma aspectos do simbolismo religioso, particularmente do livro Gênesis do Antigo Testamento. Afinal, “nós, de fé, gostamos de andar sobre as águas. [...] O projeto coloca uma piscina em cima da Notre Dame, com um passeio sobre as águas. É acessível a partir das torres sineiras e termina

com altar-mor de mármore redondo” (Design Class, 2020). O memorial descritivo recupera a passagem do Novo Testamento em que Jesus caminha sobre as águas no mar de Tiberíades, sugerindo a conexão entre o tema da água e o Jardim do Éden. Segundo a tradição bíblica, um rio saía do Éden e se dividia nos quatro rios do paraíso, que simbolizava as quatro regiões do mundo (Livro do Gênesis, cf. Goedert, 2004). Para Dr. Cuong Phy & Mrs. Nga Nguyen (Reino

Unido), “valorizar o passado e a história não significa se apegar a apenas uma forma de arquitetura, estilo ou ideologia” (Design Class, 2020). Os arquitetos afirmam a inadequabilidade da estrutura de madeira da cobertura da Notre Dame, “construída para queimar, com tecnologias e materiais desatualizados, que são prejudiciais ao meio ambiente e altamente inflamáveis” (Design Class, 2020). Tal análise do edifício original indica certa visão evolucionista a respeito do desenvolvimento de tecnologias construtivas, desvalorizando a historicidade do monumento ao compreendê-lo com base em premissas anacrônicas. A intervenção criaria uma “cascata de luz”, ou seja, “uma cachoeira que desce do céu será a imagem do milagre do Senhor, acalmando todas as dores. E, para apagar o fogo, há algo melhor do que a água?” (Design Class, 2020). Seria instalada uma galeria de arte com janelas em ambos os lados, cachoeira central, iluminação multicolorida e flecha panorâmica.

Tendo em vista que a chuva também se torna sagrada, “na medida em que tira a sede da terra” (Goedert, 2004, p. 3), situa-se o projeto de Khai Nguyen (Vietnã), que reinterpreta a flecha “como chuva caindo da nuvem, para amenizar a perda da Notre Dame” (Freelancer 2020). Remontando à evocação surrealista da “poética do inconsciente”, a proposta reativa o papel atribuído ao irracional para a proposição artística. A “nuvem” não é apresentada de modo figurativo ou literal, mas enfatizando-se seu caráter de “comunicação vital, biopsíquica, do indivíduo por meio de símbolos” (Argan, 1992, p. 366). A proposta, flertando com o universo da psique e do absurdo, não se

interessa pela monumentalidade simbólica do encontro entre as naves da catedral gótica; tanto que desloca o eixo principal da estrutura para um ponto que tampouco coincide com o centro geométrico da abside. Aproximando-se a vertentes surrealistas está a proposta postada por Kiss *The Architect* (Chipre), que criava uma escultura cinética cujo repertório formal recuperava imagens oníricas dispostas em arcos e bolas em torno de uma escada central, remetendo a um pavilhão anteriormente projetado pelo escritório, intitulado “Uma bobagem tola” (El País, 2019).

4.4. Paris, Cidade-Luz

A expressão “Paris, Cidade-Luz” refere-se ao centro imaginário da Europa desde a Revolução Francesa, retomando a cidade como símbolo da Modernidade e lugar de desenvolvimento dos valores republicanos, dos direitos humanos e das filosofias iluministas. Paris tornou-se centro acolhedor e difusor dos principais movimentos artísticos desenvolvidos desde finais do século XIX – tais como impressionismo, fauvismo, cubismo, surrealismo e modernismo (Ramos, 2013; Santos & Silva, 2018). A “Cidade-Luz”, amplamente reapropriada pela indústria do turismo cultural, inspirou 8% dos projetos realizados para a Notre Dame, evocando a conexão entre céu e terra sugerida pela arquitetura gótica, para a qual “a luz torna-se um elemento arrebatador do espaço, um elemento cheio de força e poder” (Costa, 2013, p. 13), responsabilizando-se pela conformação do espaço místico e pelo realce das características arquitetônicas (Figura 6).

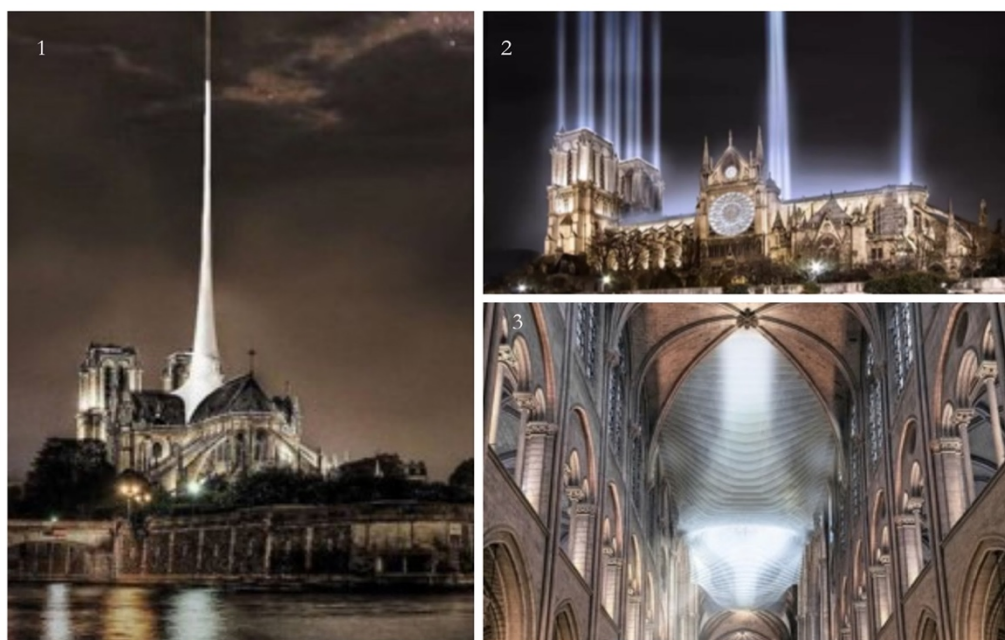


Figura 6. Paris, Cidade-Luz. Fonte: Elaborada pelas autoras.

Legenda: Vizum (1), Shortcut (2), Ziyu (3).

O “*Farol para Almas Perdidas*”, de Vizum Atelier (Eslováquia), criou uma flecha em cuja ponta seria implantado raio *laser* apontado ao céu. Ideia semelhante foi desenvolvida pela agência parisiense especializada em espetáculos luminosos *Shortcut*, que pretendia substituir integralmente a estrutura da cobertura por canhões de luz “*que projetam além das nuvens*” (RFI, 2019). Zhuang Ziyu (Alemanha) propôs cobertura transparente que, vista em ângulo, reconstrói o telhado de modo cintilante; porém, vista de lado, tende a desaparecer. O altar seria inundado de luz natural, alterando-se profundamente a espacialidade interna originalmente proposta pela arquitetura gótica.

4.6. A eternização da catástrofe

O chamado *dark tourism* (Lennon & Foley, 2000) tem sido mobilizado em intervenções do final do século XX como estratégia para resgatar o interesse turístico por espaços de

desastre, morte e atrocidade, também conhecidos como “atrações fatais”. É notável que 5% dos projetos analisados tenham pretendido eternizar o incêndio (Figura 7). Santosh Wadekar (Índia) compara seu projeto com o ressurgimento de uma fênix após sua queima, criando uma verdadeira “coroa de fogo” para a catedral. Segundo o arquiteto, “*aqui, até a destruição tem beleza. O design congela, assim, aquele momento efêmero da torre envolta em chamas e o immortaliza para sempre [...] sendo as tiras metálicas como chamas englobando a torre em forma de coroa, referindo-nos à coroa de espinhos de Cristo*” (Design Class, 2020). Já o *post* de Mathieu Lehanneur (França) substituiu a flecha por uma estrutura em forma de chama, construída com fibra de carbono e revestida em tons dourados. O projeto incorporaria o simbolismo associado à própria chama, “*um símbolo bíblico muito poderoso*” (Marshall, 2019).



Figura 7. A eternização da catástrofe. Fonte: Elaborada pelas autoras.

Legenda: Wadekar (1), Lehanneur (2).

4.7. As tecnologias da comunicação

Por fim, comentaremos as intervenções que adotaram o uso de tecnologias da comunicação: 5% dos projetos (Figura 8). Rogério Carvalheiro (EUA) criou uma arquitetura efêmera, com cobertura de fibra de vidro inflada, associada à projeção holográfica da flecha. Permitindo a manutenção da colônia de abelhas, o projeto também se conectava ao tema “Paris, cidade-luz”, criando um “contraponto visual à Torre Eiffel durante a

noite, um farol da história da França para o mundo se maravilhar novamente” (Design Class, 2020). Já Niklas Brockmann-Smith (Reino Unido) projetaria uma nova rosácea para a Catedral por meio do uso das tecnologias da comunicação combinadas à intersecção das abóbadas de arestas. Outros projetos, já abordados neste estudo, também incorporaram recursos tecnológicos e interativos – tais como os de Chun, Cole e Cai & Lin.



Figura 8. As tecnologias da comunicação. Fonte: Elaborada pelas autoras.

Legenda: Carvalheiro (1); Brockmann-Smith (2).

5. Considerações finais: “*Touche Pas à Notre Dame*”³

A premissa de uma “reconstrução inventiva” simboliza materialmente a superação tecnológica da catástrofe, ao mesmo tempo em que reposiciona a cidade de Paris no contexto do turismo globalizado, exprimindo linguagem contemporânea que contraste com a materialidade e autenticidade histórica do edifício gótico. A Notre Dame pós-catástrofe retoma as ambiguidades presentes na origem do próprio conceito de restauração, de modo que o tema da reconstrução inventiva aludiria ao desafio de reinvenção do edifício e adequação às exigências da contemporaneidade e que tendem, em sua grande maioria, à espetacularização midiática do edifício. No debate em questão, é possível vislumbrar uma retórica discursiva voltada para a normalização do estranhamento envolvido na criação de grandes obras de arquitetura, já que “as maiores obras de arquitetura foram polêmicas em seu tempo”. Essa justificativa, associada à rejeição ao chamado “apego ao passado, que não volta mais”, compuseram amplamente a perspectiva discursiva que busca favorecer a aceitação de quaisquer arquiteturas completamente alheias aos debates patrimoniais para ressignificar a Notre Dame no contexto pós-catástrofe.

A “Nova Notre Dame” pode ser compreendida como produto do desejo político de reafirmação ideológica da França contemporânea expresso pelos desígnios do presidente Emmanuel Macron em consonância com Edouard Philippe. De fato, a comoção internacional com a catástrofe de 2019 mobilizou, rapidamente, grandes quantias doadas pelas famílias mais abastadas da França e de corporações globais (Logan, 2019). A própria UNESCO, prontamente, ofereceu ajuda ao governo francês em decorrência da tragédia (CAU-BR, 2019). A mera possibilidade de haver um concurso internacional de arquitetura mobilizou pelo menos os 290 projetos

mapeados por este estudo, de arquitetos espalhados por todo o mundo.

A profusão de projetos pode ser entendida como uma ação especulativa, reiterando o interesse midiático pela divulgação da nova arquitetura. Para o especialista Cameron Logan (2019), a situação “apresenta uma oportunidade para alguém que pode não ser muito conhecido ter uma ideia favorável ao Instagram. O design especulativo pode viralizar independentemente de qualquer envolvimento sério com o lugar e sua vida em andamento”. O contexto pode se conectar ao chamado “WOW factor” (Tokman, 2007), conceito de origem empresarial-financeira que se relaciona à capacidade de um evento causar surpresa ou medo, potencializada por possíveis desacordos, polêmicas, críticas ou disputas amplamente divulgadas pela mídia. Esses fatores não estão relacionados necessariamente à viabilidade, adequação ou da própria realização do projeto. A projeção internacional dos projetos e suas eventuais premiações pode servir de portfólio para a contratação de serviços arquitetônicos mediados pela plataforma Freelancer.com; ou é passível de capitalização através da publicação de um livro vendido a altos preços, como realizou Go Architect.

A inclusão do “voto popular” como estratégia de escolha do projeto preferido exprime a pretensa democratização da participação da população global para a definição dos rumos da Notre Dame no século XXI. Porém, a premissa da qual parte a votação não expressa a complexidade da questão; excluindo, por exemplo, a possibilidade de se votar por uma restauração filológico-conservativa da catedral. Segundo pesquisa divulgada pelo jornal Folha de São Paulo (2019), mais de 50% dos entrevistados afirmaram desejar uma catedral idêntica à incendiada, e apenas 25% apoiavam a ideia de uma reconstrução inventiva com

materiais inéditos. A crítica à “Nova Notre Dame” também ocorreu por meio de postagens nas redes sociais. Como exemplo, verifica-se a espirituosa criação de um modelo 3D da Catedral de Notre Dame acrescido de ordinário forro rebaixado modulado, legendado com a mensagem “Where do I submit my Notre-Dame proposal?”, acompanhado das hashtags #architecture e #betterthanFoster (Hilburg, 2019).

Deste modo, sinaliza-se a abertura de possibilidades, mediadas por elites político-econômicas, de destruição do passado-valor vinculados a disputas de poder e especulação turística. O estudo de caso nos permite avaliar a emergência de nova sensibilidade contemporânea em relação à arquitetura do passado, que enaltece a inclusão de novos materiais e tecnologias associados ao uso do vidro translúcido, multifacetado e a processos de desmaterialização do próprio edifício (Wisnik, 2018). Em todas as intervenções analisadas, o efeito do contraste preponderou sobre qualquer outro tipo de princípio formal de intervenção.

A despeito dos projetos de arquitetura efêmera propostos – que literalmente “empacotam” as obras de restauração – parece haver grande dificuldade em se lidar com a memória do edifício depois da catástrofe em termos formais, com destaque para as propostas de eternização da tragédia. A conexão com as teorias da restauração mobilizada em alguns projetos fundamentou-se em interpretações descontextualizadas da Carta de Veneza. O conjunto de projetos analisados, sintetizados nas sete categorias propostas para este estudo, “só pode ser explicado se houver plena liberdade na manipulação do sentido e, ao mesmo tempo, se as estruturas de significado manifestadas no edifício concreto existirem apenas como suporte para essa manipulação” (Solà-Morales, 2013, p. 262).

Apesar da conexão textual entre os projetos contemporâneos, a arquitetura gótica ou a

própria literatura religiosa, as formas arquitetônicas apresentadas raramente tornam claras essas relações, assemelhando-se demasiado entre si apesar das variadas e criativas justificativas. Mesmo os projetos que se referem à presença da luz ou dos vitrais na arquitetura gótica propõem interpretações contemporâneas que transformam brutalmente a espacialidade interna e externa da catedral, de maneira a impossibilitar a apreensão espacial e o significado simbólico do edifício medieval. O público assume destaque na arquitetura contemporânea, sendo que grande parte dos projetos previram a criação de coberturas acessíveis por meio de passarelas, mirantes e programas voltados para lazer e contemplação artística, permitindo o acesso à cobertura.

Destaca-se a secularização de grande parte das propostas, apesar da ampla mobilização de temas religiosos nos memoriais descritivos. Segundo Naomi Stead, “a própria natureza do concurso Notre Dame falou muito sobre as maneiras pelas quais as propostas de design ‘completamente seculares’ responderam às economias da imagem” (Weedon, 2019). De um modo geral, observa-se o processo de tematização das intervenções que buscam fontes de inspiração variadas, recuperando desde passagens bíblicas a repertórios simbólicos de arquiteturas ancestrais, frequentemente externos à tradição arquitetônica do lugar de intervenção, reinterpretando formas arquitetônicas orientalizantes ou islamicizantes. As arquiteturas “de outro lugar” poderiam ser interpretadas com grande interesse simbólico e representativo se considerarmos as tensões político-sociais que assolam a França contemporânea no que diz respeito à xenofobia, islamofobia e questões fronteiriças. Porém, há de se questionar se uma arquitetura histórica, considerada Patrimônio da Humanidade, seria efetivamente o lugar mais adequado para receber uma intervenção contemporânea completamente desvinculada

de seu contexto. Os projetos analisados mobilizaram discussões recorrentes no âmbito da arquitetura contemporânea globalizada – incluindo a sustentabilidade, o dinamismo cinético das estruturas, a disfunção da forma, a interatividade e o uso de recursos tecnológicos de projeção. Igualmente, foram mobilizadas referências externas ao próprio campo disciplinar da arquitetura, chegando aos extremos da mobilização de referências imaginativas do subconsciente, desassociadas de qualquer profundidade teórica, reflexão crítica ou adequabilidade ao tema da patrimonialização. Ainda, por mais extravagantes que fossem as intervenções analisadas, todas dialogaram com a volumetria da cobertura original e com a ausência da flecha.

Apesar do grande barulho, a perspectiva da “restauração inventiva” não vingou no encaminhamento da Notre Dame pós catástrofe. Ao menos até o presente momento,

prevaleceu a perspectiva do “Touche Pas à Notre Dame”. Em defesa de uma ação de restauração filológico-conservativa, o arquiteto responsável pelas obras da Notre Dame, Philippe Villeneuve, opôs-se à realização de uma intervenção contemporânea na catedral, redigindo um dossiê de cerca de 3 mil páginas para recomendar a restauração conservativa da estrutura, flecha e cobertura da catedral. Em julho de 2020, a Comissão Nacional do Patrimônio e Arquitetura, liderada pelo senador Jean-Pierre Leleux, manifestou-se unanimemente pela restauração da flecha da catedral idêntica à destruída pelo incêndio. Em razão desses episódios e da repercussão midiática da discussão, o presidente Emmanuel Macron mudou de ideia e afirmou que a catedral deveria retornar ao seu “último estado visual conhecido” (Observador, 2020); apesar dos problemas que essa concepção pode trazer no que diz respeito ao apagamento da própria memória da tragédia.

6. Notas de Referência

- (1) A flecha da catedral seria o ponto mais alto da cidade gótica, estabelecendo conexão direta entre a terra e o céu. Construída por Viollet-Le-Duc, era rodeada por estátuas de doze apóstolos e substituiu outra flecha semelhante construída em 1250 e demolida entre 1786 e 1792.
- (2) Os jornais foram escolhidos devido ao interesse demonstrado pela divulgação de informações sobre o debate contemporâneo a respeito da Notre Dame. As reportagens serão analisadas como fontes documentais, atentando-se para o papel desenvolvido pela mídia como agente político-social.
- (3) Referência a “não se toca no nosso passado”, célebre frase na França dos anos 1980, “touchepas à mon pote” (“não toque no meu amigo”), que dizia respeito a um imigrante. O slogan foi retomado no que diz respeito às obras das catedrais de Toulouse e Saint Sernin.

- Abramovitch, I. (2019, 14 de maio). Architect responds to controversy over his proposal to top Notre Dame with a glass roof. *Elle Décor*.
- Araújo, G. (2019, 17 de abril). A catedral de Notre Dame tem importância em vários campos, não apenas para os franceses. *Jornal Metamorfose*.
- Augusto, T. (2019, 16 de abril). Assassin's Creed Unity será usado na reconstrução da Catedral de Notre Dame. *Canaltech*.
- Arantes, O. (2015). *O lugar da arquitetura depois dos modernos*. São Paulo: Edusp.
- Argan, G. (1992). *Arte Moderna*. Do Iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras.
- Baldwin, E. (2019, 09 de agosto). Zeyu Cai e Sibe Li vencem concurso de ideias para a Catedral de Notre Dame. *Archdaily*.
- CAU-BR (2019, 17 de abril). *França anuncia Concurso de Arquitetura para reconstruir torre da Notre Dame*.
- Costa, L. (2013). *A luz como modeladora de espaço na arquitetura*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Curitiba: Universidade da Beira Interior.
- Design Class Articles (2020). Disponível em: <shorturl.at/dmruH>. Acesso em: 28 dez. 2020.
- El País (2019, 16 de maio). *De bosque a piscina: 12 propostas de arquitetos para Notre Dame*.
- Fabre, D. (2019). *Catástrofe, memória, intervenção ou o monumento como evento*. Revista Memória em Rede. Pelotas: v. 11, n. 21.
- Folha de São Paulo (2019, 14 de maio). *Plano de Notre Dame contemporânea divide opiniões na França*.
- France24 (2019, 16 de abril). *Emmanuel Macron: "We will rebuild Notre-Dame, and I want it to be rebuilt in five years"*.
- Freelancer.com (2019). Disponível em: <freelancer.com/contest>. Acesso em: 28 dez. 2020.
- Gazeta do Povo (2019, 12 de agosto). *França aprova construção de projeto moderno em Notre Dame*.
- Go Architect (2019). *Visions of Notre Dame: beautiful and wacky ideas for the future of Notre Dame Cathedral*.
- Goedert, V. (2004). *O simbolismo da água*. Encontros Teológicos, n. 1.
- Hed (2019, 05 de agosto). *Hed Architect Jenifer Cole, AIA, earns honorable mention in The People's Notre Dame Design Competition*.
- Hilburg, J. (2019, 22 de abril). Foster + Partners pitches new Notre Dame spire as competition heats up. *The Architect's Newspaper*.
- Lapuente, R. (2016). *A imprensa como fonte: apontamentos teórico-metodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica*. Revista de História Bilos, pp. 11-29.
- Lemaire, R. (1994). *Autenticidade e patrimônio monumental*. Napoli, 1994, p. 7-24.
- Lennon, J. & Foley, M. (2000). *Dark Tourism: the attraction of death and disaster*. London: Continuum.
- Logan, Cameron (2019). Should Notre Dame cathedral be repaired or

- preserved in its damaged state? *News*.
- Loiola, C. (2020, 15 de julho). Reconstrução da Catedral de Notre-Dame, em Paris, será idêntica à original. *Metrópoles*.
- Marshall, A. (2019, 10 de maio). Glass, Golden Flames or a Beam of Light: what should replace Notre-Dame's spire? *The New York Times*.
- Montaner, J. (2016). *A condição contemporânea da arquitetura*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Montaner, J. (2012). *A modernidade superada*. Ensaios sobre arquitetura contemporânea. São Paulo: Gustavo Gili.
- Pevnser, N. (2015). *Panorama da arquitetura ocidental*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Ramos, C. (2013). *Paris, a cidade luz no terceiro milênio*. Belo Horizonte: Revista UFMG.
- Reis, D. (2016). *Literatura e arquitetura: Notre Dame de Paris sob os constructos de Argan*. Revista Ecos.
- RFI (2019, 03 de maio). *Veja os projetos mais ousados para reconstruir a catedral de Notre Dame*.
- Riegl, A. (2014). *O culto moderno dos monumentos*. A sua essência e a sua origem. São Paulo: Perspectiva.
- Rowe, Collin e Slutzky, Robert (1985). *Transparência Literal e Fenomenal*. Rio de Janeiro: Revista Gávea, pp. 33-50.
- Santos, A. & Silva, I. (2018). *Paris: de cidade-luz a espaço d'Os Miseráveis*. XIX Encontro Nacional de Geógrafos.
- Solà-Morales, I. (2013). *Do contraste à analogia: novos desdobramentos do conceito de intervenção arquitetônica*. In: Nesbitt (Org.) Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify.
- The Local (2019, 28 de maio). *French Senate says Notre-Dame must be restored exactly how it was*.
- Tokman, M. *The WOW factor: creating value through win-back offers to reacquire lost customers*. Journal of Retailing, 2007, p. 47-64.
- Yin, R. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Walsh, N. (2019, 31 de maio). Senado francês defende restauração da Notre-Dame a seu estado original. *Archdaily*.
- Weedon, A. (2019, 17 de maio). Notre Dame's design competition is one for the ages, but some hope it's just one for Instagram. *News*.
- Wisnik, G. (2018). *De dentro do nevoeiro*. São Paulo: Ubu.